**Título:** Dissertação sobre as paixões e outros textos

**Autor:** David Hume

**Nacionalidade:** escocês

**Título original:** Dissertation on the passions (1757); Of the Immortality of the Soul (1757); Of Suicide (1757); “A Kind of History of My Life” (1734); Letter to Dr. George Cheyne (1734); My own Life (1777); An Account of My Last Interview with David Hume (1777); Letter from Adam Smith to William Strahan} (1777).

**Copyright:** hedra **Categoria:** Filosofia

**Palavras-chave:** Filosofia; Ética e moral; Determinismo; Psicologia

**Tradução:** Jaimir Conte

**Número de páginas:** 130

**Dimensão:** 13,3x21cm

**ISBN:** 978-85-7715-730-3

**Sinopse:**

*Dissertação sobre as paixões e outros textos* reúne a tradução de cinco escritos de Hume: três ensaios e dois curtos textos autobiográficos, além de depoimentos de amigos e interlocutores do filósofo a respeito de sua vida e obra.

A “Dissertação sobre as paixões”, que abre este volume, é uma seleção de alguns parágrafos do livro 2 do *Tratado da natureza humana*, com mudanças significativas no que se refere ao tratamento das paixões diretas. Os outros dois ensaios só foram publicados depois da morte do autor e faziam parte do projeto original de um volume intitulado *Cinco dissertações*, que chegou a ser impresso em 1757, mas foram dele suprimidos devido a pressões eclesiásticas.

Trata-se de textos de feição controversa, devido à defesa de opiniões contrárias à ortodoxia religiosa predominante: em “Da imortalidade da alma”, Hume argumenta contra a crença de que a alma humana é imortal; em “Do suicídio”, repudia a condenação do suicídio, que não considera imoral nem irreligioso, e defende que toda pessoa deve ter o direito de tirar a própria vida, se assim o desejar. Finalmente, em “Uma espécie de história de minha vida”, o leitor encontra as intenções e ambições iniciais do projeto filosófico de Hume, cujo balanço pode ser lido em “Minha vida”.

No apêndice, a “Última conversa com David Hume”, por James Boswell, e extratos epistolares, dentre os quais a “Carta a William Strahan”, de autoria de Adam Smith, sobre a morte de Hume, contêm importantes depoimentos sobre a vida, o caráter e as opiniões do filósofo.

**Sobre o autor:**

David Hume (Edimburgo, 1711─1776) foi um dos mais eminentes filósofos escoceses do século XVIII, desfrutando de fama comparável apenas à de Adam Smith. De família tradicional de juristas, estava destinado a seguir a mesma carreira, mas, antes de concluir a universidade, decidiu prosseguir nos estudos em filosofia e letras clássicas por conta própria.

Aos 21 anos, em La Flèche, na França, inicia sua primeira obra filosófica, o *Tratado da natureza humana*, publicado entre 1739 e 1740, já em Londres. Considerado o principal feito filosófico de Hume, o *Tratado* não alcançou grande sucesso à época, o que o levou a escrever de maneira mais simples e elegante.

É curioso que, em seu próprio século, Hume tenha sido mais reconhecido como historiador do que como filósofo. Sua *História da Inglaterra*, publicada em seis volumes, foi obra de referência até fins do século seguinte. No entanto, atualmente sua celebridade se mantém em virtude dos escritos filosóficos: os *Ensaios morais, políticos e literários*, os *Diálogos sobre a religião natural*, a *Investigação sobre os princípios da moral*, e principalmente o *Tratado da natureza humana* e a *Investigação sobre o entendimento humano*.

Neles, o autor põe em xeque a filosofia racionalista até então predominante, de matiz cartesiano, ao afirmar que a inferência causal se funda no hábito, não numa operação da razão. Isso fez com que Hume fosse considerado ímpio e ateísta, pois uma das consequências dessa doutrina é a impossibilidade de provar a existência de Deus, que somente pode ser objeto de fé.

**Trechos da apresentação:**

No ensaio “Da imortalidade da alma”, Hume apresenta vários argumentos contra a crença de que a alma humana é imortal. Ele ataca ao mesmo tempo todos os argumentos a favor de uma doutrina religiosa, questionando tanto as razões metafísicas, como as morais e físicas, oferecidas como evidências a favor da imortalidade da alma humana. O argumento de Hume contra a imortalidade é baseado, essencialmente, em seu empirismo. Como afirma quase no final do ensaio, “Com quais argumentos ou analogias podemos demonstrar um estado de existência que ninguém jamais viu e que não se assemelha a nada do que temos visto até agora? Quem depositará tamanha confiança em qualquer pretensa filosofia a ponto de admitir, sob seu testemunho, a realidade de um lugar tão maravilhoso?”.

Tendo mostrado que não temos nenhuma base para inferir a imortalidade da alma a partir de nossa experiência finita e aparentemente mortal, Hume fecha o ensaio com a conclusão cética de que não podemos obter conhecimento da imortalidade por meio de nossos sentidos ou de nossa razão. Nesse sentido, o título do ensaio é enganoso. Se o leitor, seduzido pelo título, espera encontrar apoio para a crença na imortalidade da alma, engana-se. O que na realidade Hume faz é pôr em dúvida as razões que temos para acreditar que a alma é imortal.

Outra posição igualmente contrária à religião é expressa no ensaio “Do suicídio”. Contra todas as doutrinas religiosas, que sempre condenaram o suicídio, Hume alega que o suicídio não é imoral nem irreligioso. Argumenta que toda pessoa deveria ter o direito de decidir se quer continuar a viver ou não. Apresenta, assim, um sério desafio às opiniões religiosas aceitas, na medida em que justifica, racionalmente, um ato expressamente condenado pela ortodoxia cristã.

**Trechos do livro:**

Alguns objetos produzem imediatamente uma sensação agradável por causa da estrutura original dos nossos órgãos, e por isso são denominados *bons*; enquanto outros, por causa de sua imediata sensação desagradável, ganham a denominação de *maus*. Assim o calor moderado é agradável e bom; o calor excessivo doloroso e mau.

Alguns objetos, além disso, por serem naturalmente conformes ou contrários à paixão, provocam uma sensação agradável ou dolorosa, e por isso são chamados de *bons* ou *maus*. O castigo de um adversário, ao satisfazer o desejo de vingança, é bom; a enfermidade de um companheiro, ao afetar a amizade, é má.

Todo bem ou mal, onde quer que surja, produz diversas paixões e afecções, de acordo com a perspectiva segundo a qual é contemplado.

Quando um bem é certo ou muito provável, ele produz *alegria*. Quando um mal se encontra na mesma situação, surge a *aflição* ou a *tristeza*.

Se tanto o bem como o mal são incertos, dão origem ao *medo* ou à *esperança*, segundo o grau de incerteza esteja de um lado ou de outro.

O *desejo* surge do bem considerado em si mesmo, e a *aversão*, do mal. A *vontade* se exerce quando a presença do bem ou a ausência do mal pode ser alcançada por meio de alguma ação da mente ou do corpo.